

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

BIBLIOFILIA: A ETERNA DEVOÇÃO AOS LIVROS

AUTOR: FERNANDO MUSTAFÁ COSTA

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Orientador: Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro

São Paulo, 05 de dezembro de 2009

FERNANDO MUSTAFÁ COSTA (5389772)

BIBLIOFILIA: A ETERNA DEVOÇÃO AOS LIVROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte das atividades para obtenção do título de bacharel, do curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Prof. orientador: Dr. Waldomiro Vergueiro

São Paulo, 2009

Autoria: Fernando Mustafá Costa

Título: Bibliofilia: a eterna devoção aos livros

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte das atividades para obtenção do título de bacharel, do curso de biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Os componentes da banca de avaliação, abaixo listados, consideram este trabalho aprovado.				
	Nome	Titulação	Assinatura	Instituição
1				
2				
3				

Data da aprovação: ____ de _____ de _____.

*“Dedico este trabalho aos bibliófilos
do mundo, em memória de Rubens Borba
de Moraes “*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me ajudaram na elaboração deste trabalho: aos amigos do Kendo pela motivação, ao professor Waldomiro Vergueiro por acreditar e apoiar meu trabalho, à Jéssica Camara pelas correções, à minha família pela paciência e a Deus, pela sua infinita misericórdia

*Quando tenho algum dinheiro,
compro livros. Se ainda me sobrar
algum, compro roupas e comida*

Erasmus

RESUMO

Este trabalho é parte das atividades para conclusão do curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro. O principal objetivo do trabalho é de resgatar o tema de bibliofilia, definindo e diferenciando seu conceito, contextualizando seu papel na influência no colecionismo de livros em geral e no Brasil, além das contribuições para a sociedade. Discute-se também algum dos projetos de digitalização de livros. A base da metodologia foi de revisão literária e da discussão dos projetos de digitalização. A justificativa parte de um interesse pessoal do autor sobre o assunto e também devido à recente doação da coleção do bibliófilo José Mindlin para a Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: bibliofilia; bibliófilos; coleção de livros.

ABSTRACT

This work is part of the activities for completion of the course in Librarianship from the Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, under the guidance of Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro. The main objective of this work is to redeem the subject of bibliophilia, defining and differentiating its concept, its role in contextualizing influence on the collecting of books in general and Brazil in addition to contributions to society. We also discuss some of the projects to digitize books. The basis of the methodology was to review the literature and discussion of digitization projects. The justification part of a personal interest of the author on the subject and also because of the recent donation of the collection of bibliophile José Mindlin for the University of Sao Paulo.

Keywords: bibliophilia, bibliophiles, book collection.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 TEMA	13
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 JUSTIFICATIVA	13
1.4 METODOLOGIA	14
1.5 PROBLEMATIZAÇÃO	14
2. DEFINIÇÕES EM GERAL	17
2.1 INTRODUÇÃO À BIBLIOFILIA E COLECIONISMO DE LIVROS	17
2.2 OBJETO DE ESTUDO EM QUESTÃO: COLEÇÃO DE LIVROS	20
3. SOBRE BIBLIOFILIA E ALGUMAS DERIVANTES	25
3.1 DEFINIÇÕES SOBRE BIBLIOFILIA	25
3.2 BIBLIOMANIA – A LOUCURA DOS LIVROS	29
3.3 UM VÍCIO QUE LEVA AO ROUBO – BIBLIOCLEPTOMANIA	32
3.4 OUTRAS LOUCURAS DOS AMANTES DE LIVROS	36
4. BIBLIOFILIA BRASILEIRA	40
4.1 CONTEXTO GERAL	40
4.2 ASSOCIAÇÕES DE BIBLIÓFILOS	47
5. A CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOFILIA NOS TEMPOS ATUAIS	52
5.1 DESENVOLVIMENTO DE BIBLIOTECAS PARTICULARES	52
5.2 CONTRIBUIÇÃO E FORMAÇÃO DE ACERVOS DE BIBLIOTECAS	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
7. REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

Coleção e paixão pelos livros – bibliofilia e alguns comportamentos frente aos livros, colecionismo de livros, obras raras brasileiras e desenvolvimento de coleções particulares.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo estudar o colecionismo bibliográfico e o desenvolvimento de coleções a partir do ponto de vista da bibliofilia. Resgata-se o tema da história da bibliofilia e colecionismo de livros em geral e no Brasil, seu atual papel na sociedade, sua importância no desenvolvimento de coleções de acervos particulares, sua importância quanto à conservação e digitalização de obras raras.

1.3 JUSTIFICATIVA

O tema parte *a priori* de um interesse pessoal do autor por desenvolvimento de coleções de livros e influência de obras de bibliófilos consagrados e também por ser um assunto interessante e vasto da história das bibliotecas. Além disso, atualmente, o destaque recebido pela biblioteca particular do bibliófilo José Mindlin, doada para Universidade de São Paulo,

bem como a tendência de bibliotecas de obras raras digitalizarem seus acervos com o intuito de preservação.

1.4 METODOLOGIA

Revisão de literatura sobre coleção de livros/ bibliofilia e discussão de alguns projetos de digitalização de acervo de obras raras.

1.5 PROBLEMATIZAÇÃO

Em meados da década de 1990 e até os dias atuais, com os avanços das novas tecnologias, muitos bibliotecários se preocuparam com um possível fim das bibliotecas devido às novas formas de produção e armazenamento de livros e outros materiais como jornais, filmes etc. em bibliotecas virtuais. Para aumentar essa preocupação, depois da atual possibilidade de fazer download gratuitamente de músicas pela Internet, a indústria fonográfica decaiu muito economicamente, o que também fez com que muitas editoras e livrarias se preocupassem com “os livros piratas” da Internet.

Por outro lado, foi com grande entusiasmo que muitas bibliotecas abriram suas portas para a era digital. Atualmente, é comum bibliotecas empresariais, universitárias ou até mesmo bibliotecas públicas oferecerem um leque variado de serviços digitais como catálogos, consulta bibliográfica ou acesso *wireless* à internet. Problemas quanto ao espaço físico, poucos

volumes para se emprestar, dentre outras questões, seriam aparentemente resolvidos Também com os livros digitais ou e-books.

Outra grande e interessante novidade foram os projetos de digitalização de acervos de obras raras não só de livros de instituições como a Biblioteca Nacional, assim como o projeto Biblioteca Digital Mundial, que recebeu e digitalizou diversos materiais raros de todo o mundo. Até mesmo na recente biblioteca brasileira doada pelo bibliófilo e escritor José Mindlin à Universidade de São Paulo, um robô lê e digitaliza aproximadamente 2.400 páginas por hora. Esses projetos tornarão materiais atualmente considerados restritos em documentos universais. É possível para qualquer cidadão do mundo, por exemplo, ler “[uma carta de Cristóvão Colombo de 1493](#)”¹, apenas fazendo alguns cliques, sem precisar sair de sua casa.

Obviamente, a relação do livro papel é muitas vezes pessoal e até mesmo sentimental, dependendo da sociedade. Mesmo assim, não se pode negar o crescimento pelo interesse nos livros digitais. Em muitas universidades, os alunos já entregam seus trabalhos e teses apenas em formato PDF, ao invés de impressos. Atualmente, existem até mesmo dispositivos do dia-a-dia como celulares ou videogames portáteis que possibilitam armazenar e ler esses livros.

¹ World Digital Library: <http://www.wdl.org/pt/item/90/>

O professor Eduardo Murguía questiona (2007, p.13):

Decorrente da emergência das coleções e do colecionismo de livros como temas de estudo desta pesquisa, ainda resta por saber: numa sociedade onde as bibliotecas e os meios de informação são cada vez mais presentes quais seriam os motivos para colecionar livros? Se comparado com o colecionismo de quaisquer outros objetos, o que diferencia a coleção de livros? Qual seria a relação entre o livro como meio de informação e seus dispositivos simbólicos e subjetivos no momento de sua coleção?

Diante desse emaranhado de informação e questionamentos, enfim podemos perguntar: sobreviverá a coleção de livros? E a bibliofilia, qual será o papel dela no futuro? Qual sua atual contribuição? E o que podemos esperar desses amantes de livros chamados de bibliófilos?

2. DEFINIÇÕES EM GERAL

2.1 INTRODUÇÃO À BIBLIOFILIA E COLECIONISMO DE LIVROS

O vício, a paixão, a mania de se adquirir e colecionar livros – ou seja, a bibliofilia – é tão antiga quanto à própria criação do registro da escrita. Colecionar é uma necessidade humana, às vezes marcada por motivos pessoais, psicológicos e até terapêuticos.

O ato de comprar e acumular livros é muito comum: para ler enquanto está no trem ou no avião, para ler as obras que cairão no vestibular ou mesmo por uma necessidade de trabalho. Os motivos são inumeráveis. No entanto, nem todo mundo é bibliófilo ou cultua um amor pelos livros. Muita gente gosta e tem o hábito da leitura enquanto outros preferem dedicar seu tempo livre em outras atividades, isso é normal. O que difere um colecionador comum de livros de um bibliófilo é que este busca formar coleções especiais, procurando as primeiras edições, por exemplo, sobre um assunto ou de determinado autor. Segundo Rubens Borba de Moraes:

A bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um hobby inocente, um emprego de capital para alguns espertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência (2005, p. 18).

Se buscarmos uma definição literal de bibliofilia no dicionário de língua portuguesa (HOUAISS, 2001, p.443) encontrar-se-á algo como “amor aos livros, esp. aos raros e preciosos ou de valor cultural” ou, “arte ou ciência de bibliófilo” ou em especializados (MERRIAN-WEBSTER, 2009), “amor pelos livros especialmente pelas qualidades de seus formatos”.

Dessa forma, colecionar livros e dedicar tempo, esforços e dinheiro na aquisição de livros raros ou desenvolver uma coleção de livros sobre determinado assunto não é tarefa fácil e pode até mesmo parecer mesquinho e dispendioso, levando em conta que o livro no Brasil é caro e que demanda certos cuidados. Há casos extremos de pessoas que compram livros impulsivamente, sem nenhum critério e acabam acumulando toneladas de livros – no caso os bibliomaniacos, chegando ao caso de comprar outros imóveis para aloca-los. Como aconteceu com um inglês do século XIX, Richard Heber, que para alocar sua coleção de 200 a 300 mil livros precisou comprar mais sete imóveis; contando com sua casa, dois imóveis ficavam em Londres e os outros seis espalhados pela Inglaterra e pelo Reino Unido (RAABE, 2001, p. 71). Certa vez, Heber inclusive afirmou que “nenhum cavalheiro pode ficar sem três cópias de um livro, um para mostrar, outro para usar e outro para emprestar”. (DICKINSON, 1994, p. 76).

Ao contrário do que muitos pensam, nem todo livro antigo é raro. Dessa forma, não existe um manual nem a bibliofilia é uma ciência exata para analisar e quantificar o preço de um determinado livro. No entanto, o valor de um livro raro é calculado por diversos fatores como importância que teve em sua época,

limite de edições, valor cultural e histórico, erros, erratas, tipo de encadernação etc. e seus preços são tabelados ou em leilões ou em catálogos de livreiros especializados em obras raras.

Em toda parte do mundo existem bibliófilos que colecionam e buscam livros sobre seu próprio país. A coleção de livros referente ao desenvolvimento de uma nação tem um nome. No Brasil, chama-se Brasileira, nos Estados Unidos, Americana; na Inglaterra, Britânica dentre outros.

Cada livro que compõe um acervo possui sua própria história. Quando entramos em uma biblioteca em geral estamos buscando dados e informações que nos ajudem a solucionar nossos questionamentos e problemas. Mal tempo temos para parar e especular de onde vieram esses livros, porque foram comprados, data de edição ou pelas mãos de quem já passaram. É comum pensar que eles sempre estiveram ali, confortáveis em seus lugares.

Exemplo disso é o caso citado por Basbanes em *A Gentle Madness* (1995, p. 16), sobre um Evangelho de São João, escrito em grego e latim, datado da época de 500 d.C. que foi enterrado junto ao túmulo de um monge em 687 d.C., patrono de um mosteiro beneditino – Santo Cuthbert - levado às pressas devido aos freqüentes saques de povos bárbaros duzentos anos depois e que posteriormente ficou reservado em um altar da Catedral de Durham por quase quatro séculos, começando a fazer “milagres” aos fiéis que o veneravam, tendo que ser removido novamente devido aos avanços do Anglicanismo do rei inglês Henrique VIII, em 1540, passando de mão em mão de particulares até ser finalmente doado para *British Library*.

2.2 OBJETO DE ESTUDO EM QUESTÃO: COLEÇÃO DE LIVROS

Colecionar objetos, independentemente quais e quantos sejam, é um *hobbie* prazeroso, às vezes oneroso e que pode durar por muito ou pouco tempo, dependendo das motivações do colecionador e no sentido e intenção que ele vê para sua coleção.

Murguia (2007, p. 6) afirma, quanto ao colecionismo, que este é

Um ato voluntário que leva à construção de uma coleção, nunca pensada em partes, mas como um todo inseparável. As coleções sempre começam de forma espontânea, e, nesse sentido, elas existem pela vontade do colecionador, embora muitas delas sejam construídas como forma de prestígio social. Em muitos países, os colecionadores possuem meios de expressão e lugares de encontro para realizar suas atividades. As coleções podem ser de diferentes tipos segundo a intenção do colecionador.

Raabe (2001, p.74) afirma que colecionismo é “uma urgência quase indígena para a espécie humana”. O desejo de colecionar pode-se manifestar em qualquer fase da vida e também pode atingir sua maturidade e plenitude.

Murguia complementa (2007, p. 2), dizendo que

Os estudos de coleções se configuram, na atualidade, como um vasto e fértil campo de estudo onde têm contribuído múltiplas áreas do conhecimento oferecendo diversas abordagens e interpretações. Eles são importantes porque nos colocam perante a evidência do mundo da cultura material e seus objetos. Ademais, desvendam as obscuras relações que o sujeito estabelece com os objetos. Dentre esses objetos, notadamente, o livro merece especial atenção pelas imbricações pessoais e culturais que apresenta sua posse, e pelas suas características essenciais de suporte e de informação. Nesse sentido, acreditamos que o colecionismo de livros vá além da informação, pois a sua apropriação material está permeada por motivos diversos que não unicamente a criação do conhecimento.

Ao longo de um ano, milhares de livros são publicados e estão à disposição de bibliotecas, sebos e livrarias físicas ou digitais com material diverso. No entanto, mesmo com tanta disponibilidade dos bibliófilos de encontrarem livros, existem algumas peculiaridades na coleção de livros que fazem com que alguns deles sejam mais procurados e almejados que outros. Essas peculiaridades são: raridade, condição (estado físico do livro), primeiras edições, e outras características como erratas e autógrafos, inscrições, marginália, *ex-libris* e o quanto é procurado. De certa forma, as peculiaridades citadas também valem para outros tipos de coleções em geral.

Raridade: Quando se trata de raridade, deve-se tomar cuidado porque ela é relativa e depende de alguns fatores. A primeira grande impressão é pensar que livros velhos são raros. Livro velho nem sempre é raro, existem livros velhos que nada valem, mas livros antigos publicados no berço da invenção da tipografia de Gutenberg ou anteriores a 1504, os incunábulos, como são conhecidos, que são raros, pois sobreviveram ao castigo do tempo e foram preservados por gerações de bibliófilos e bibliotecários.

Os incunábulos – do latim “in cuna” (no berço) foram os primeiros livros impressos na invenção da imprensa tipográfica dentre o período de 1455 a 1500 (GIORDANO, 2009, p. 11) quando surgiu um novo método de impressão. Giordano (2009, p. 10) afirma também em relação aos incunábulos:

Os incunábulos são os precursores do livro como hoje conhecemos; representam a evolução da arte da impressão até atingir a sua maturidade, a transição das tradições artísticas e eruditas para métodos mais modernos e profissionais. Os primeiros incunábulos se assemelhavam aos manuscritos: não havia nenhuma informação na primeira folha, os tipos imitavam a caligrafia da época, inclusive nas ligaduras e abreviações.

Moraes (1998, p. 65) salienta que um livro para ser raro também precisa ser procurado:

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.

Unicidade: outra característica importante que pode tornar um livro em raridade é sua unicidade. Entretanto, o fato de um livro ser único também não indica que é raro, pois segundo Pinheiro (2004, p. 1) “é impossível pré-determinar as características de um livro raro, porque cada livro é um universo restrito de manifestações culturais – originais e acrescentados” e ainda complementa “o primeiro passo está em por em confronto os conceitos de raro, único e precioso” (PINHEIRO, 1989, p. 20, citado por PINHEIRO, 2004, p.1)

Condição: o estado de um livro e sua conservação também é importante. Mas, a conservação de livros não se aplica somente ao papel, mas também ao tipo de matéria usada na encadernação e, se for original, o livro pode valer mais ainda.

Primeiras edições: as primeiras edições também são características muito almejadas pelos amantes dos livros. O livreiro A.S.W. Rosenbach (1873-1946), um dos maiores caçadores de obras raras americanas e um dos primeiros a usar a coleção de livros como fonte de investimento financeiro, certa vez disse: “uma primeira edição para um autor é tão seu trabalho original quanto uma pintura é para um pintor” (RAABE, 2004, p. 80). Acontece também que o livro, para se tornar importante, dependerá de alguns fatores como a popularidade do autor, a aceitação do público pela obra.

Outras características: Livros também costumam a ser valorizados quando possuem assinaturas, dedicatórias ou comentários do autor sobre a primeira edição impressa, ou comentários de outros escritores. *Ex-líbris* são selos ou figuras ricamente ilustradas e com citações geralmente em latim feitas para identificar o dono do livro. É como um carimbo que marca a posse da obra – em geral rara. Os *ex-líbris* ajudam a identificar o valor do livro e também são objetos em si de colecionismo.

Erratas também podem tornar livros raros, como no exemplo engraçado de Moraes (1998, p. 70):

Há uma bíblia que vale muito dinheiro, simplesmente por causa da piada que fez o tipógrafo que a imprimiu. É uma edição inglesa de 1631. Imprimindo o Sétimo Mandamento ‘Não cometerás adultério’, o tipógrafo esqueceu o ‘não’ e saiu impresso o ‘Thou shalt commit adultery’. A brincadeira custou trezentas libras ao gaiato e toda a edição foi queimada, com receio de que os leitores não percebessem o engano e seguissem o mandamento tal qual tinha sido impresso. Mas sobraram quatro exemplares.

Chartier (1999, p. 149) resume e complementa a maioria desses conceitos na afirmação abaixo:

Mesmo em tempos de massificação e de universalização, não se poderá impedir os colecionadores de construir a raridade. Porque apesar da raridade poder ser objetiva, ela é, de fato, com frequência construída. Um livro é raro a partir do momento em que há bibliófilos para procurá-lo. Se não há ninguém interessado, mesmo que tenha sido publicado em um único exemplar, ele não é raro. É uma história absolutamente apaixonante a da bibliofilia, que começa no fim do século XVII ou no começo do século XVIII, nos meios financeiros, e supõe que seja definido o universo do colecionável. Podem ser todos os livros impressos antes de certa data, ou todos os livros que têm o mesmo suporte material, rico e luxuoso, ou todos os livros que pertencem ao mesmo gênero literário, ou ainda todos os livros saídos da mesma oficina tipográfica etc. Um critério de raridade se põe em marcha, definindo o colecionável pela série. Daí, livreiros que se especializam neste mercado publicam catálogos descrevendo as obras que são postas à venda segundo regras particulares, atentas às particularidades de cada exemplar. Progressivamente, o gosto desses colecionadores será conduzido com mais facilidade (mas não necessariamente) para os objetos mais custosos, fazendo do livro raro um investimento.

3. SOBRE BIBLIOFILIA E ALGUMAS DERIVANTES

3.1 DEFINIÇÕES SOBRE BIBLIOFILIA

Apesar de se ter noção de que o amor pelos livros e pela escrita remonta desde que a homem começou a colecionar manuscritos e a formar bibliotecas, a primeira grande menção na literatura surge na Idade Média, em 1344, por meio do arcebispo Richard de Bury, que também foi chanceler e tutor de Henrique II, na Inglaterra. Ele escreveu um verdadeiro tratado de amor e cuidado para com os livros que ficou mundialmente conhecido como *Philobiblion*, do grego – Philo (amor) e Biblion (livro). Na visão de Bury (2004, p. 9), “os livros são os maiores presentes de Deus à humanidade, sem eles o conhecimento estaria fadado ao esquecimento”. Ele também aconselha: “os livros devem ser amados acima de todas as riquezas e de todos os prazeres, qualquer que sejam” (2004, p. 34).

Ao longo do estudo e das leituras, encontramos algumas definições que refletem o estado de ser daqueles que possuem bibliofilia – ou seja, dos bibliófilos - bem como em algumas das definições, nota-se que os autores fazem a definição, diferenciando o bibliófilo do bibliomaniaco.

Dessa forma, o primeiro é sempre o puro de coração, tomado de um amor pelos seus livros, o que faz com que cuide deles como se fossem o maior tesouro do mundo, pela sua raridade, beleza, encadernação, pelo seu conteúdo etc., enquanto que o segundo é sempre visto como um indivíduo

tomado pelo desejo incontrolável de possuir livros e mais livros, mas sem se importar em lê-los ou absorver algum conhecimento, em alguns casos tomados por ansiedade ou como um distúrbio mental.

Citando o bibliógrafo alemão Hans Bohaster: “O bibliófilo é o mestre de seus livros, o bibliomaniaco seu escravo” (citado por BASBENES, 1995, pág. 9).

Segundo Charles Nodier:

O bibliófilo sabe como escolher seus livros, adicionando-os um atrás do outro, submetendo-os a vários testes. O bibliomaniaco os pilha, colocando-os um encima do outro, sem mesmo ter olhado para eles. O bibliófilo aprecia o livro, enquanto que o bibliomaniaco o pesa e mede. (NODIER citado por RAABE, 2001, p. 68).

Seguindo a mesma linha de raciocínio entre bibliófilo versus bibliomaniaco:

Traduzindo à letra, um bibliófilo (do Grego *biblion*, livro, e *philos*, amigo) é um amante de livros. E é de propósito que utilizo a definição dada por Moraes [Dicionário da Língua Portuguesa]. É que o substantivo amante explica muito mais o bibliófilo do que o adjetivo amigo. Conheço muitos bibliomaniacos, com verdadeiras e colossais bibliotecas, mesmo com algumas raridades, para quem o livro constitui apenas um divertimento ou um investimento, compram livros como quem compra laranjas, pelo aspecto e pelo peso (o que, no caso do livro, se pode representar pela encadernação e data da edição). Ora o bibliófilo não é apenas aquele que tem livros do século XV e XVI, ou de outras épocas recuadas. Para os ter, basta possuir dinheiro (conheço muitos bibliomaniacos com verdadeiras fortunas em livros, que deles não tiram qualquer proveito, pois nem sequer os sabem ler, ou têm tempo para os catalogar e arrumar. Contudo, ajudam a preservar o património). Pode-se até ser bibliófilo sem possuir nenhum livro dos séculos anteriores ao nosso. O que é então necessário para se ser bibliófilo? É necessário amor, carinho e estudo pelo livro que se comprou, seja ele a primeira edição de *Os Lusíadas* (1572) ou a *Mensagem* (1934), só para dar dois exemplos, entre os maiores, da nossa poesia (DIAS, 1994).

A bibliofilia também está intrinsecamente ligada à leitura, pelas características já observadas e também pelo testemunho de algumas autoridades como José Mindlin, o bibliófilo mais conhecido no Brasil, que desde sua infância sempre demonstrou grande afeição por livros e por primeiras edições, principalmente pela literatura brasileira.

Voltando ao “*modus operandi*” da leitura, a afirmação abaixo ilustra bem isso:

Não se ama de fato os livros sem cultivar o costume da leitura. O verdadeiro bibliófilo é antes de mais nada um leitor contumaz. Distingue-se do bibliomâno, que se apraz em comprar e colecionar livros raros, pelo prazer da posse, sem valorizar os conteúdos. O colecionismo estéril, individualista, é apenas um ativo atraente e um símbolo de prestígio social, despojado da chama que anima a bibliofilia autêntica: o espírito do leitor. ALCÂNTARA (citado por CASTRO, 2009).

Não podemos deixar de mencionar a opinião de Rubens Borba de Moraes, que, assim como José Mindlin, contribuiu significativamente para a bibliofilia, tendo escrito um manual com memórias sobre sua vida com os livros, bem como dicas e incentivos ao colecionismo, conhecido como *O Bibliófilo Aprendiz*, em que cita: “a bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um hobby inocente, um emprego de capital para alguns expertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência” (MORAES, 2005, p. 18). Moraes foi o primeiro a introduzir um curso de Biblioteconomia em São Paulo (MINDLIN, 1998. p. 109) e atuou fortemente na em prol da Semana de Arte Moderna de 1922.

No entanto, o que está por trás da Bibliofilia não é o apego excessivo à leitura, mas o amor pelos livros, simplesmente por serem livros, assim como existem pessoas que colecionam e admiram outras coisas como flores ou filmes, por exemplo. É esse mesmo amor que “pode até mesmo ser maior que o amor pelas mulheres” (JACKSON, 2001, p.595) em alguns casos. Não é toa que no meio bibliofílico existem muitas piadas em relação a suas mulheres que não conseguem suportar serem trocadas por livros. Parece até que os livros são suas maiores diversões, suas únicas alegrias e contentamentos: “os livros são um fetiche na tribo dos bibliófilos, possuindo toda santidade que um tabu de posse primitivo tem e de toda mágica de um deus” (FRANKLY, citado por JACKSON, 2001, p. 598).

Um bibliófilo não consegue viver sem seus livros, apesar de que a “loucura mansa” (MINDLIN) geralmente não chega a ser um distúrbio, como na bibliomania. Thomas Jefferson, em carta para John Adams, em 1815, disse: “Eu não posso viver sem livros” (BASBENES, 1995, XVII)

Mindlin (2005, p.15) contribui a essa discussão, afirmando:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito mais além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de se ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. Conseguido o conjunto, que se que o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração do livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí já surge a busca pela raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que se pensava em ser na vida apenas um leitor metódico, está irremediavelmente perdido. Sua relação com o livro passa a ter uma dimensão quase patológica, pois a compulsão de possuí-lo é mais ou menos irresistível (mais mais do que menos).

3.2 BIBLIOMANIA – A LOUCURA DOS LIVROS

Segundo Raabe (2001, p. 68), a principal diferença entre bibliofilia e bibliomania está baseada na motivação. Enquanto que para os bibliomaniacos não existe limite ou controle para o ato de se comprar e acumular quantos livros for possível, os bibliófilos, que também são famosos por acumularem livros, os compram pelo apreço e conhecimento. É como se os primeiros se importassem com a quantidade enquanto que os segundos pela qualidade, importância e valor do livro.

A diferença às vezes é muito tênue entre um ou outro e apesar de serem comportamentos muito antigos, são influenciados por características sociais, econômicas e culturais diferentes, como no exemplo abaixo:

(...) Há diferença, pois, entre bibliófilo e bibliómano, não de essência, mas de grau de intensidade. Muitas ocasiões, a bibliofilia degenera em bibliomania. E por isso, o bibliómano pode ser um homem ilustrado, um escritor, um investigador, sequioso de encontrar documentos e temas para os seus trabalhos. Camilo classifica-se a si próprio, de bibliómano [Camilo, Introdução, in Brasileira de Prazins]. Qualquer destes indivíduos, porém, sente gosto em mostrar as suas colecções, experimenta vaidade em ter obras raras, que mais ninguém possua, e não oculta o facto. Antes pelo contrário, faz gala em mostrar as suas bibliotecas (...) (VIANA, 1949).

Por mais que seja estudada, ainda não há um consenso sobre a motivação de se comprar livros demasiadamente. Dickinson (1994, p.76) diz que é uma necessidade e urgência de completar um desejo de controle e de reconhecimento. Em geral, colecções particulares de livros refletem os gostos literários de seus possuidores e nascem com o desejo particular de adquirir

conhecimento sobre determinado assunto. Os bibliomaniacos não possuem esse crivo.

Pela sua formação etimológica (MERRIAN-WEBSTER, 2009), bibliomania pode ter o significado de loucura dos livros - biblio (livros) e mania (de loucura, excesso). Na literatura também encontramos autores que afirmam que é uma doença, um distúrbio, que na maioria das vezes pode ser tanto benéfico quanto maléfico e assim como procuramos distinguir as definições entre bibliofilia e bibliomania, muito se confundiu por amor e loucura pelos livros. Já alguns, como Dibdin, dizem que apesar de ser uma insanidade, dentre as manias e loucuras, é mais louvável e racional (JACKSON, 2001, p. 511) enquanto que também para outros, é uma mania que deve ser evitada por ser perigosa – “coleccionar livros raros e autores antigos é, talvez, a mania de coleccionar mais tola de todas” (HARRISON citado por JACKSON, 2001, p.512).

Existem algumas divergências também nas definições daqueles que foram contaminados pela mania de coleccionar livros. W. T. Rogers, por exemplo, argumenta que “um bibliomaniaco é aquele que compra aleatoriamente e tem gosto em caçar as maiores raridades com o único objetivo de possuí-las” (Manual of bibliography, pág. 32, citado por JACKSON, 2001, p. 514) ao passo que Falcone Madan afirma “que os bibliomaniacos vivem apenas pela caça (sentido de aquisição) e por isso desprezam se são caros ou baratos” (The Daniel Press, 45, citado por JACKSON, 2001, p. 514).

Dessa forma, podemos considerar características da bibliomania como uma excessiva consideração, estima e cuidado por livros; assim como uma

obsessão ou paixão desordenada por muitos livros. Agora o que torna uma pessoa bibliomaniaca é uma questão difícil de responder por que não existe uma causa geral e de certa forma todas estão entrelaçadas entre si.

Outras causas que também contribuem para a bibliomania são: ganância, inveja, vaidade, orgulho e até mesmo medo, segundo Jackson (2001, p. 544 a 556) em seu XXV capítulo da *Anatomy of Bibliomania*. É importante realçar que a bibliomania, pode ser tanto adquirida por diversos fatores quanto pode também ter causas naturais, ou seja, a pessoa já nasce com os sintomas bibliomaniacos, conforme Jackson (2001, p. 516): “Bibliomania, assunto de nossa presente discussão, pode ser tanto em disposição ou hábito, pura ou adquirida”.

Nenhuma era da humanidade se viu livre da bibliomania, ou da bibliofilia – ou seja, do colecionismo de livros. Precisamos também relacionar não só desejo, mas a necessidade de ter e poder ter livros. Na Grécia antiga e posteriormente na Roma antiga, os livros ou materiais de leitura eram apenas de uso particular de alguns aristocratas e patrícios usados para fins de trabalho, estudo político ou militar – evidentemente excluindo os estratos pobres e escravocratas, mesmo que os livros como em Roma, eram usados como mobília. Isso já foi moda por algum tempo. Até mesmo Sêneca ridicularizava aqueles que não sabiam nada dos ensinamentos dos livros, fora seu exterior.

Precisamos assim salientar que o livro foi um produto caro e inacessível para muitas pessoas, devido às dificuldades financeiras e também pela sua

produção limitada, visto que o formato da palavra escrita estava armazenado em papiros, tábuas de madeira ou de argila. Já na Idade Média, com a descoberta do pergaminho e com a centralização e produção de cópias nos mosteiros religiosos, os livros se tornaram objetos exclusivos de uma determinada classe. Com a invenção da imprensa por Gutenberg, os livros começaram a ter maior escala de produção:

Com a invenção do tipo móvel, a partir do século XVI, com Gutemberg, o livro se transforma em objeto de ampla veiculação. As sociedades ocidentais podem então ser definidas como cultura de objetos impressos, dada a importância e o impacto dessa invenção. Afinal, com a introdução da tipografia, os produtos do prelo deixaram de ser reservados, alcançando um âmbito maior de interessados, instalando-se no foro privado e público (CHARTIER citado por SCHWAARCZ, 2002, p. 128).

3.3 UM VÍCIO QUE LEVA AO ROUBO – BIBLIOCLEPTOMANIA

Não se sabe ao certo a origem desta palavra, mas seu significado sim. O dicionário Houaiss de língua portuguesa o define como “compulsão, vício ou mania de furtar livros” (HOUAISS, 2001, p.443). A bibliografia sobre este tema aqui no Brasil é escassa. Pouco se sabe, ainda mais com as crises das bibliotecas públicas. Ela é mais comum no exterior, em que as coisas que parecem ter mais valor simbolicamente. Thompson cita duas obras importantíssimas em Notes on Bibliokleptomania como *Amateurs et voleurs de livres* de Albert Cim e *Streifziige unes Bucherfreundes* de Buch und Verbrechen.

O roubo de livros já foi considerado pecado mortal e até mesmo sua punição era a forca. Mas vamos considerar que tanto o roubo em um galinheiro quanto numa biblioteca são roubos. Isto é outro assunto: saber por que se roubam livros e bibliotecas e até livrarias do Exército da Salvação. Sabe-se que há vários motivos e são tão variados como seus métodos. Bibliocleptas ou bibliocleptomaniacos preferem as bibliotecas por parecerem mais fáceis e acessíveis ao invés de livrarias ou museus, por exemplo. Thompson relata nomes de ladrões famosos desde a Antiguidade aos tempos modernos. O interessante, é que geralmente estes pertencem às mais altas classes da sociedade ou são intelectuais. Em toda a história da bibliocleptomania existiram duas espécies de ladrões: os criminosos e os bibliomaniacos. Os primeiros são aqueles que roubam para depois vender. Os segundos foram mencionados no tópico anterior.

A história da bibliocleptomania é tão antiga quanto à história das bibliotecas e seus motivos podem ser mais bem entendidos com o contexto de cada época. Ela remonta como veremos, à Biblioteca de Alexandria. Manguel (2006, p. 29 e 30) diz que:

Para rematar sua ambição, o rei Ptolomeu decretou, como medida suplementar, que todo livro que chegasse ao porto de Alexandria fosse apreendido e copiado, com a solene promessa de que o original fosse devolvido (como outras tantas promessas de reis, essa tampouco foi sempre cumprida, e muitas vezes o exemplar devolvido era a cópia). Como resultado dessa medida despótica, os livros reunidos na biblioteca passaram a ser chamados de a 'coleção de navios. Depois vieram os generais romanos.

As primeiras bibliotecas romanas foram formadas por saques de toda a Grécia. A Biblioteca Real Macedônia, a Biblioteca de Mitridates do Ponto, a da Apelição de Teos por exemplo. (MANGUEL, 2004, p. 275 e 276). Na Idade Média, o livro era um objeto raro e luxuoso, que praticamente só era encontrado nos mosteiros. É evidente que analfabetos não roubariam os livros, se assim fosse não saberiam exatamente seus valores, mas como sabemos, ter livro privilégio de poucos, conforme Cassagnes-Brouquet (2003, p. 26 citado por GIORDANO, 2009, p. 14): “Para um letrado do século XV, a compra de um livro representa, a grosso modo, o equivalente a doze dias do salário de um secretário da chancelaria real, de um oficial muito bem pago”.

Na Idade Média foram produzidos os mais belos incunábulos, de 1455 a 1500. Ladrões de livros nesta época eram verdadeiras pragas. E a arma mais usada para combatê-los eram as maldições. O mosteiro de St. Máximim ameaçava os ladrões com pragas parecidas com as de Judas e Pilatos. As penas mais graves eram a excomunhão e a possibilidade de ter o nome riscado do Livro da Vida. Quem for à biblioteca do mosteiro de São Pedro em Barcelona poderá ler:

Para aquele que rouba ou toma emprestado e não devolve um livro de seu dono, que o livro se transforme em serpente em suas mãos e o envenene. Que seja atingido por paralisia e todos os seus membros murchem. Que defina de dor, chorando alto por clemência, e que não haja descanso em sua agonia até que mergulhe na desintegração. Que as traças corroam suas entranhas como sinal do Verme que não morreu. E quando for ao julgamento final, que as chamas do Inferno o consumam para sempre. (CIM, Amateurs et voleurs de livres citado por MANGUEL, 2004, p. 276).

Na Renascença, com a larga impressão de livros, estes não eram mais objetos tão cobiçados. No entanto, a sede do conhecimento fez com que as bibliotecas tivessem muito trabalho. Prova disso é uma outra praga, encontrada em um tomo da época:

O nome de meu senhor acima vês,
Cuida, portanto para que não me roubes;
Pois, se o fizeres, sem demora
Teu pescoço...me pagará.
Olha para baixo e verás
A figura da árvore da forca;
Cuida-te portanto em tempo,
Ou nesta árvore subirás!
(THOMPSON citado por MANGUEL, 2004, p. 276)

Parece-nos que a religião cristã sempre foi veemente contra tais atos, sendo que o papa Benedito XIV lançou uma bula em 1752, excomungando quem roubasse livros, tamanha era a praga. No entanto, os clérigos são uns dos maiores ladrões de livros segundo Thompson (1944, p. 22) como o Cardeal Pamfilio, que se tornou o papa conhecido como Inocente X, ou Don Vicent e o Pastor Tinius. Abaixo dos clérigos, os estudantes. Estes visavam pesquisas. Mas, acima de todos, a profissão que mais formou ladrões de livros foi sem dúvida a dos bibliotecários.

O maior bibliocleptomaníaco de todos os tempos foi Guglielmo Bruto Icilio Timoleone (1803-1869), o conde Libri-Carucci della Sommaia, o famoso conde Libri (MANGUEL, 1997, p. 273). Natural de Florença, Conde Libri era muito versado nas artes matemáticas, e aos vinte anos lhe foi oferecido uma cadeira na Universidade de Pisa. Em 1830, imigrou para Paris e por sua fama e

sucesso começou a trabalhar na Universidade de Paris e tentou por duas vezes sem sucesso o cargo de bibliotecário na Biblioteca Real. Em 1840 possuía uma notável biblioteca e já vendia manuscritos e livros raros. Um ano depois, foi nomeado secretário de uma comissão para supervisionar oficialmente manuscritos raros e dessa forma ganhou acesso a todas as bibliotecas francesas. Apesar de algumas denúncias, por sete anos Libri roubou, vendeu e preparou catálogos de obras raras até que, com a Revolução de 1848, foi descoberto e fugiu para a Inglaterra com dezoito caixas de livros roubados, avaliados em 25 mil libras, uma pequena fortuna para época. Em 1850, foi condenado a dez anos de prisão e morreu preso e pobre na Itália, em 1869, conforme Manguel (1999, p. 272 – 275).

A Europa e os Estados Unidos são terras férteis para tais criminosos. Na maioria dos casos, funcionários de bibliotecas, bibliófilos e bibliomaniacos estão envolvidos. Em tempos modernos, observamos que os livros roubados de bibliotecas geralmente são os que possuem alto valor monetário.

3.4 OUTRAS LOUCURAS DOS AMANTES DE LIVROS

Já sabemos que os bibliófilos são famosos por amarem seus livros e às vezes gastarem verdadeiras fortunas por exemplares velhos, empoeirados e sujos; que bibliomaniacos têm compulsões megalomaniacas em adquirir e possuir livros e que bibliocleptomaniacos roubam livros como assaltantes roubam museus. Só que a loucura por livros ainda não chegou ao fim e parece não ter limites. No dicionário de Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001, p. 443), é

possível encontrar mais de 30 verbetes com prefixo biblio (...) relacionando dezenas de atividades ligadas ao livro, como por exemplo, biblioterapia (terapia através de livros), bibliopagia (arte de encadernar livros), bibliocromia (técnica ou processo de impressão de livros em papel colorido), bibliolatria (bibliofilia extremada que faz dos livros objeto de adoração) dentre outros. Entretanto, existem alguns comportamentos que merecem ser destacados por apresentarem um degrau mais profundo – os bibliofágos (bibliophagi), bibliotáfios (bibliotaphy) e os bibliocastas.

Os bibliofágos são os mais conhecidos e bizarros da espécie. Muito se escreve humoristicamente sobre eles, pois são devoradores de livros, literalmente. Não existem razões claras para afirmar o que faz com que pessoas comam papel. Segundo Raabe (2001, p. 96) as pessoas comem porque pensam que dessa forma se tornarão uma com o livro e dessa forma aumentarão sua compreensão ao conteúdo. Mas não é só no ramo dos livros que se ingere papel: um exemplo são as pílulas de Frei Galvão, que na verdade são papéis de arroz com inscrições e orações, distribuídas pelas irmãs do Mosteiro da Luz de São Paulo, para cura, milagres e para ajudar as fieis engravidarem.

Já os bibliotáfios – táfios (tumbas) - colecionam seus livros, mas em oposição aos bibliófilos e bibliomanicos que os exibem, preferem escondê-los e têm o hábito de enterrá-los. Jean Joseph Rive (citado por JACKSON 2001, p. 533) define que o bibliotáfio é aquele que enterra seus livros, mantendo os trancados em algum compartimento. O motivo que leva uma pessoa em sã

consciência a fazer isso ainda não foi descoberto: testemunhas relatam que é por pensarem na preservação do conhecimento para gerações futuras. Como John Steward, que enterrou algumas obras nas quais acreditava estava contido um novo evangelho para salvação da humanidade (JACKSON, 2001, p. 534). O caso extremo é quando essas pessoas possuem o desejo de, ao morrerem, for enterradas com seus livros favoritos, conforme relato de Eugene Field: “Eu dei a entender aos meus amigos que quando minha hora acabar nessa terra, certeza que meus livros sejam enterrados comigo” (BASBENES, 1995, p. 14)

Uma das loucuras mais perigosas relacionadas ao livro é a bibliocastia, que consiste na destruição de livros e bibliotecas. Para Raabe (2001, p. 94), mesmo que uma pessoa se arrependa de destruir um livro, sua ação a rebaixou para o pior tipo de pessoa que possa existir. O escritor venezuelano Fernando Baez em sua *História Universal da Destruição das Bibliotecas*, percorre ao longo da história da humanidade, os motivos e impactos da destruição de livros. Na maioria das vezes, a destruição de livros é motivada por motivos religiosos (de cunho fanático) e políticos (censura). Assim como no período medieval, muitos livros foram preservados, muitos livros também foram queimados (às vezes junto a seus donos) por conterem conteúdos considerados hereges, contrários a fé cristã ou muçulmana. Na Alemanha nazista, a queima de livros precedeu a morte de milhares de pessoas. E também não faz muito tempo, uma igreja de segmento protestante dos Estados

Unidos realizou uma grande queima de livros da Harry Potter da escritora britânica J.K. Rowling por fazer alusões à bruxaria.²

² Conforme: <http://www.scarpotter.com/noticias/igreja-batista-planeja-queimar-livros-da-s-rie-harry-potter-no-dia-das-bruxas.html>

4. BIBLIOFILIA BRASILEIRA

4.1 CONTEXTO GERAL

Os bibliófilos bem sabem que esgotar a coleção de um determinado assunto, na maior parte das vezes, é ilusão. Principalmente devido à falta de bibliografias, bem como à possibilidade de as obras estarem em domínio público ou em mãos de particulares, ou possuírem um alto valor monetário. É o que acontece também com as coleções de livros antigos, publicados sobre ou em um país. Não há de se negar sua importância, porque são preciosos não só para bibliofilia, mas também para a história e memória das nações. As primeiras edições de qualquer assunto ligado ao início da nação ou da imprensa sempre despertam a atenção de colecionadores.

Quanto aos primeiros livros impressos no Brasil, Moraes (2005, p. 152) afirma: “Não há, talvez, campo mais vasto e inexplorado em bibliofilia. É um verdadeiro sertão que poucos bandeirantes percorrem, guiados por roteiros incertos. É um assunto pouco conhecido, onde um bibliófilo estudioso pode fazer descobertas sensacionais”.

Comparado aos países europeus, o Brasil é um país jovem e teve a instalação de seus prelos impressores tardiamente. Acontece que, por um longo tempo, foi colônia portuguesa e as principais metrópoles impediam qualquer forma de publicação por motivos político mercantilista, subversivos e

ideológicos. E isso mesmo sendo o Brasil colonial (1500-1822) palco para educação religiosa, formação de gramáticas, dicionários e até mesmo defesa de teses de ensino superior por parte dos jesuítas para com a população nativa de índios que habitavam praticamente todo o continente sul-americano.

Dessa forma, fica evidente que o primeiro livro a tratar sobre a “Terra de Santa Cruz” não foi escrito por brasileiros (que ainda não existiam) nem muito menos impresso no “paraíso” relatado pelos primeiros viajantes. Segundo Moraes (2005, p. p. 151), o primeiro livro a tratar sobre o Brasil foi o *Mundus Novus* – Mundo Novo – de Américo Vespúcio (1451-1512), italiano que percorreu a costa brasileira e visitou até a América do Norte em sua terceira viagem a mando de Portugal. Na realidade, trata-se de um folheto de aproximadamente oito páginas descrevendo as belezas naturais do litoral e da descoberta de um mundo novo. O documento foi traduzido para diversos idiomas e é raro também por ser chave para a “Questão-Vespúcio”, de que as terras recém-exploradas eram um novo mundo, totalmente diferente do que se conhecia na Europa. A carta foi publicada entre 1503 e 1504 em Paris ou Alemanha e é possível consultá-la digitalmente na *World Digital Library*³.

É sabido também que na embarcação de Pedro Álvares Cabral estava o cronista Pero Vaz de Caminha que fez a primeira impressão da terra que seria chamada de Brasil. Relatando sobre o modo de viver, agir e se vestir dos

³ *Mundus Novus* em: <http://www.wdl.org/pt/item/2829/pages.html#volume/1/page/1>

nativos, a geografia e a possibilidade de exploração de minérios, a carta foi enviada ao rei Manuel I (1495-1521) no dia primeiro maio de 1500. Atualmente, a carta de Caminha tem seu valor reconhecido como o primeiro documento da História do Brasil, como que uma certidão de nascimento do país e o *Mundus Novus* como o primeiro livro.

Dessa forma, de 1500 a 1808 não foram impressos livros no país devido à política da época, com apenas uma exceção por parte do português Antonio Isidoro da Fonseca em 1747. Ele é considerado o fundador da imprensa no Brasil, apesar de sua empresa ter falido pela pressão da Coroa. Tipógrafo habilidoso e reconhecido em Portugal foi para a colônia com seus prelos tentar uma vida nova e montar sua “segunda oficina”, visto que havia imprimido algumas obras que foram queimadas pela Inquisição e também para saldar dívidas e tentar ganhar algum dinheiro para sustentar a família. Com medo ou não, imprimiu um folheto de 22 páginas (disponível na Brasiliana Digital⁴) intitulado *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. Antonio do Desterro Malheuro bispo do Rio de Janeiro [...] composta pelo doutor Luiz Antônio Rosado da Cunha [...]* (MORAES, 2005 p. 154).

Fonseca pediu licença apenas ao próprio bispo mencionado acima, negligenciando a autorização do Estado. Apesar de ter sido aprovado pela Santa Sé e não conter conteúdo subversivo, ao chegar ao conhecimento de Portugal, a tipografia foi fechada e tudo foi reenviado para a terra lusitana,

⁴ Primeiro livro impresso no Brasil: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03908100>

inclusive o próprio tipógrafo. Fonseca tentou retornar em 1750 para o Brasil, mas seu pedido foi recusado.

Não é de se estranhar tal ato de Portugal nem que não houvesse tipografias no Brasil. Mesmo se houvessem, os livros teriam que ir para Coroa e passar pelas licenças necessárias. Segundo Sodré (1999, p.9), existia três tipos de licenças em Portugal:

A episcopal ou do Ordinário, a da Inquisição, e a Régia, exercida pelo Desembargo do Paço desde 1576, cuja superioridade se firmava nas Ordenações Filipinas, que proibiam a impressão de qualquer obra “sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”. [...] Ora, se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista, particularmente depois do advento da mineração [...]

Dessa forma, não se conhecem livros impressos antes de 1747 até 1808, data em que foi fundada a Imprensa Régia por parte do rei D. João VI, que fugiu das invasões napoleônicas. Com a chegada da família Real para a colônia, que virou a sede do governo, não era mais interessante manter todo o atraso cultural existente, visto que a maioria das outras colônias mundo afora já possuía imprensa e universidades, como o México em 1539, Peru em 1583, as colônias inglesas em 1650 dentre outras, conforme Sodré (1999, p. 10).

Segundo Mindlin (2004, p. 119), após a fundação da primeira imprensa no Rio de Janeiro, em 1808, seguiram-se:

Na Bahia, em 1811, em Pernambuco em 1817, no Maranhão em 1822, em Minas Gerais em 1827, no Pará em 1828, no Ceará em 1864, em São Paulo em 1836, no Rio Grande do Sul em 1835,em

Santa Catarina entre 1836 e 1838, no Amazonas pelo menos em 1852, no Paraná pelo menos em 1855, em Goiás pelo menos em 1837. A partir do século XX, a produção editorial começa a existir em todos os estados.

Quanto à publicação das primeiras obras nos estados, isto ainda não está bem definido, sendo um campo vasto e passível de muito estudo e pesquisa.

Ressalta-se que se no período colonial brasileiro não foram impressos livros no Brasil. Isso não significa que livros sobre o país ou de escritores nacionais não fossem publicados mundo afora. A coleção de livros que abrange essa categoria é vasta, diversificada e contém obras que podem custar fortunas, outras nem tanto, e relatam diversos temas e formatos: sobre descobertas, viagens, livros feitos em xilografia, de cobre, ouro etc. É um assunto muito procurado por colecionadores, bibliófilos e bibliógrafos pelo ponto de vista artístico, histórico e cultural. Vale mencionar que essa coleção de livros foi publicada ao longo de diversos países em vários idiomas e está espalhada por diversas bibliotecas públicas e nacionais e é considerada como tesouro nacional, descentralizando a possibilidade de haver uma coleção completa nas mãos de colecionadores particulares. A essa coleção se dá o nome de *Brasiliana*. Moraes (2005, p. 187) propõe “que se classifiquem como *brasiliana* todos os livros sobre o Brasil, impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os autores brasileiros, impressos no estrangeiro até 1808”.

De forma geral, teoricamente, todo livro publicado no Brasil por autores nacionais ou de estrangeiros sobre o país podem ser incluídos nessa coleção,

mas por motivos bibliófilos, um livro para ser incluído precisa ser antigo (anterior a 1900) e ser procurado. Moraes propôs o período de 1503 até 1808, pois essa última data representa a fundação da imprensa no país, quando deslanchou a produção editorial, aumentando significativamente o número de obras saídas dos prelos brasileiros. Apesar de ainda não haver um consenso definido sobre a extensão da brasiliana, neste trabalho adotou-se a proposta de Moraes.

A maneira mais confiável de se reconhecer obras raras, sejam da brasiliana ou não, é por meio de bibliografias. Moraes publicou duas obras de referência para a Brasiliana, a *Bibliographia Brasiliana* (1959) e a *Bibliografia Brasileira do período colonial* (1969). Como já dito, a Brasiliana foi formada por quase quatro séculos, contém diversos assuntos que algumas vezes estão atrelados a documentos e relatórios ligados a história de outros países.

Quanto aos livros impressos após 1808 no Brasil e procurados por bibliófilos, esses fazem parte de uma coleção à parte, de uma coleção que Moraes (2005, p. 177) classifica como Brasiliense: “essa classificação é arbitrária, como toda classificação, aliás. Mas tem a vantagem de dividir os livros impressos no exterior com os que foram impressos no Brasil”.

São, em geral, os primeiros livros sobre uma ciência como Medicina, Física, História e Geografia, mas, principalmente por livros consagrados da literatura brasileira, suas primeiras edições e as obras que marcaram um período literário, como as de Machado de Assis, José de Alencar e Manuel Antonio de Almeida. Por muito tempo, a literatura e a própria língua portuguesa

escrita no Brasil sofreram diversas influências diretas da Europa, como por exemplo, as correntes literárias do Arcadismo, Romantismo e Parnasianismo. Com a Semana da Arte Moderna de 1922, houve uma valorização da consciência nacional e uma grande reforma no modo de escrever e pensar a língua portuguesa. Do mesmo modo, houve um maior interesse de colecionadores pelas primeiras obras dessa época, como o *Macunaíma* de Mário de Andrade.

As primeiras obras que foram publicadas segundo o desenvolvimento da imprensa no país também são objeto de coleção e orgulho para os bibliófilos. Mesmo que, na maior parte, não tenham sido livros, mas sim jornais, folhetos com teor político e crítico. Outra coleção bem procurada é a de livros e materiais impressos pela Imprensa Régia colonial do período de 1808 até 1822.

A John Carter Brown Library (JCB) – sediada em Devonshire, no norte dos Estados Unidos - é uma das bibliotecas mais conhecidas e reconhecidas que possuem uma das maiores coleções sobre Brasiliense. Em média, são cerca de 1500 documentos em português até 1822. Os livros e documentos que se referem ao Brasil fazem parte da coleção *The Código Brasiliense*. Ela contém os primeiros impressos da coroa portuguesa no Brasil, em sua maioria leis, atas, decretos e cartas. A JCB também tem um programa de digitalização desses documentos e até agora disponibiliza as leis de 1808 a 1810 e tem

como meta digitalizar até 1822 (disponíveis no site da biblioteca⁵). Vale lembrar que esse tipo de documento também se encontra em bibliotecas públicas e nacionais como as do Brasil e de Portugal, bem como em bibliotecas públicas como a Mário de Andrade e particulares, como na de José Mindlin.

4.2 ASSOCIAÇÕES DE BIBLIÓFILOS

Colecionar um objeto ou material sobre determinado tema ou assunto desperta interesse em diversas pessoas espalhadas pelo mundo, independentemente de sua raça, religião, idade ou profissão. O interesse comum acaba fazendo com que essas pessoas se organizem em grupos, clubes, academias, associações e sociedades para compartilhar informações e cultivar o interesse pela coleção desenvolvida. O mesmo acontece no grupo de bibliófilos.

Ou seja, os bibliófilos se reúnem para cultivar o amor pelo livro, além de ensinar aos novatos como montar suas bibliotecas. Em geral, a intenção do grupo é reimprimir livros raros, significativos para a literatura nacional, que marcaram uma determinada época. As obras são impressas artesanalmente a partir da primeira edição de um original, e, por não serem impressas pela editoração moderna, costumam demorar cerca de seis a sete meses para ser concluídas. O número de edições também é limitado – de 200 a 500

⁵ Index of Laws: http://www.brown.edu/Facilities/John_Carter_Brown_Library/CBPT/general_pt.htm

exemplares no máximo. Gauz (2007) afirma que: “essa é uma das maneiras de o livro que já nasce raro se manter vivo. É o livro-objeto de arte que insiste (graças a Deus e as almas abnegadas) na importância de sua presença num universo cada vez mais virtual”.

O grupo mais antigo nesse ramo foi criado na Inglaterra e se chama *Roxburghe Club*. Fundado em 1812 por um grupo de colecionadores de livros e bibliófilos (cerca de 40 pessoas), inspirados pelo Reverendo Thomas Dibdin. De 1814 aos dias atuais foram republicadas aproximadamente 300 obras (livros e manuscritos) que estavam praticamente fora de circulação e são considerados raros, únicos ou importantes para a história e literatura inglesa. No site do clube é possível ver a lista das obras publicadas ao longo de mais de duzentos anos⁶.

Como a bibliofilia é universal e não privilégio de nenhuma nacionalidade, apesar de ser mais apreciada nos países mais desenvolvidos, depois da *Roxburgue* surgiram outras sociedades como a *Grolier Club* – a primeira associação estadunidense, fundada em 1884, bem como outras tais que seguiram como a *Florida Bibliophilie Society*, *Bibliophilie Society of Rochester*, *Oxford University Society of Bibliophilie* dentre outras.

⁶ Lista de obras da Roxburgue Club: <http://www.roxburgheclub.org.uk/clubBooks/>

Segundo Barrias (2008, p. 788),

As edições de livros eram ilustradas no século XIX por artistas como Delacroix, Gustave Doré, Toulouse-Lautrec, William Morris e posteriormente no século XX por artistas como Picasso, Matisse, Miró, Marc Chagall, André Derain, Sonia Delaunay, Leger, Eric Gill, Dufy, André Masson, Dalí, Rouault entre outros.

No Brasil, o primeiro grupo foi a *Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, fundada em plena 2ª Guerra Mundial, em 1943, por Raymundo Ottoni de Castro Maya, na cidade do Rio de Janeiro. Cem era o número máximo de membros e chegavam a imprimir 120 obras, uma para cada membro e as outras eram enviadas para outras bibliotecas nacionais, como de Lisboa e de Paris, de acordo com Barrias (2008. P. 787).

Dentre os membros mais conhecidos do grupo estavam Carlos Lacerda, José Mindlin, Walter Moreira Salles, Roberto Marinho, Israel Klabin, dentre outros. As obras publicadas eram de grandes nomes da literatura nacional, como Jorge Amado, Mário de Andrade, Machado de Assis, Olavo Bilac etc. Os livros também foram ilustrados por artistas plásticos de renome, como Candido Portinari e Di Cavalcanti. O primeiro livro, publicado em 1944, foi *Memórias Postumaz de Braz Cubas*, de Machado de Assis. Até 1969 – data em que o grupo parou de publicar – foram reimpressas 23 obras que atualmente, na sua maior parte, estão sob a guarda da Universidade de Brasília.

Exatamente 44 anos depois da fundação da *Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil*, 1987, José Augusto Bezerra, bibliófilo cearense que coleciona livros e obras raras desde seus 13, fundou a *Associação Brasileira de*

Bibliófilos, que promove encontros como o III Encontro Nacional de Bibliófilos do Brasil em 2007, em Fortaleza. Bezerra possui a maior biblioteca particular do Ceará, com cerca de 27 mil livros e documentos. Em 2008 recebeu grande parte do acervo particular da escritora Raquel de Queiróz, da irmã desta, Luiza Queiróz, tamanha consideração o bibliófilo granjeou. Bezerra até mesmo relacionou as seis leis da bibliofilia:

1. O livro é o melhor amigo do homem;
2. Embora diferente de nós, possuem um corpo e alma;
3. Livros manuseados não pegam mofo nem traças;
4. Se lhe dermos atenção como a um amigo, iremos sonhar juntos, aprender e crescer;
5. Os que lêem, portando vivem mais, com mais qualidade de vida;
6. Se um amigo é um tesouro, conservar os livros é o melhor investimento, material e espiritual⁷.

O último e mais recente grupo fundado no Brasil, que já publicou 27 obras, é a *Confraria dos Bibliófilos do Brasil*, fundada 1995 pelo engenheiro mineiro José Salles Neto. Inspirado pela *Confraria*, Salles enviou para quatro grandes jornais de circulação o aviso de que queria montar um grupo de

⁷ Leis da bibliofilia, cf. José Augusto Bezerra: http://groups.google.com/group/intercom-nucleo-producao-editorial/browse_thread/thread/87322a56de04f3ee

amantes de livros. Poucas horas depois, recebeu um telefonema do primeiro interessado, o então vice-presidente da República Marco Maciel. Seguiram José Mindlin, o ator Paulo Betti e até mesmo o ex-banqueiro José Safra dentre outros (MOREIRA, 2008).

Assim como outras organizações, o livro na Confraria dos Bibliófilos do Brasil é feito artesanalmente e seu processo de conclusão é demorado. São a priori exclusivos para os membros, mas também podem ser vendidos ao público por cerca de R\$90 ou R\$120,00. As edições são limitadas, conforme Salles (ENTRELIVROS, 2005): “uma confraria que se preze deve produzir edições limitadas o que as torna diferenciadas e valorizadas, até do ponto de vista monetário”.

5. A CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOFILIA NOS TEMPOS ATUAIS

5.1 DESENVOLVIMENTO DE BIBLIOTECAS PARTICULARES

Bibliotecas particulares são coleções de livros formadas por indivíduos. Isto ocorre desde a Antiguidade, na Grécia antiga, até os dias atuais. Cícero, Plutarco e Aristóteles também são conhecidos por terem sido donos de bibliotecas particulares. Na Idade Média, cerca de 24 colecionares de livros são identificados, dentre eles Plutarco, o rei francês Carlos V e Richard de Bury. Na Renascença, a atmosfera da coleção de livros aumentou com o crescimento de profissões liberais como de advogados, professores, médicos etc. Muitas bibliotecas institucionais começaram a se formar a partir de bibliotecas particulares, como as da Universidade de Oxford e da British Library, conforme Overmier (1999, p. 514):

Uma das duas bibliotecas nacionais italianas de Florença e Roma foi baseada nas coleções particulares de Antonio Magliabechi e Anton Francesco Marmi; eventualmente, essas duas coleções foram base para fundação da Biblioteca Pública Florentina, em 1861.

As coleções de bibliotecas particulares em geral se aplicam tanto a grandes como pequenas coleções. Diversas são as motivações que levam pessoas a formarem bibliotecas, sejam cultas ou não: divertimento e lazer, estudo, gosto pela leitura, trabalho, pesquisas, modismos, e também por

questões bibliofílicas: “a bibliofilia atuou como um importante papel no desenvolvimento de coleções particulares – pelo desejo de colecionar não somente por necessidade práticas, mas devido aos livros serem objetos desejáveis e interessantes” (PEARSON, 1997, p. 522).

Vemos, dessa forma, que essas coleções particulares são em sua maior parte não apenas um acúmulo de livros e têm sua devida importância, pois provêm informações únicas sobre a disponibilidade e utilização de fontes de cultura e inteligência de uma determinada época, bem como sobre importância ou não desses livros. Ao se estudar a vida de escritores ou estudiosos, assim como a de um indivíduo qualquer, por meio de suas coleções, é possível se ter uma idéia de como pensavam e quais livros os influenciavam. As anotações e comentários escritos nas margens dos livros indicam reflexões e reações que ajudam a entender a visão de mundo de seus donos.

5.2 CONTRIBUIÇÃO E FORMAÇÃO DE ACERVOS DE BIBLIOTECAS

Apesar do desenvolvimento dessas coleções ser diferente das bibliotecas tradicionais, por não possuir uma política de aquisição nem de desenvolvimento, mas um gosto de leitura próprio, e às vezes excêntrico, não é raro que em muitos casos essas coleções particulares sejam absorvidas por bibliotecas, em sua maior parte públicas ou universitárias, tendo muitas vezes

lugar de destaque na coleção ou até mesmo sendo responsáveis pelo começo de uma biblioteca, como os livros e manuscritos de Sir Robert Cotton (1571-1631) e os livros de Sir Hans Sloane (1660-1753) que se tornaram a pedra angular da fundação da British Library (PEARSON, 1997, p. 522).

A primeira coleção de livros da Biblioteca Nacional francesa (*Bibliothèque Nationale*) também se deu devido à doação de um colecionador particular, o rei francês Carlos V (que reinou entre 1364-1380). O rei bibliófilo doou cerca de 1000 manuscritos (BLASSELE, 1993, p. 124).

Outro exemplo significativo de coleção particular que se tornou biblioteca é a *Library of Congress*, a biblioteca do Congresso Norte Americano. Em 1800, devido a um ato do Congresso, a capital política que estava sediada na Filadélfia foi transferida para Washington D.C. Decidiu-se também que se formaria uma biblioteca com o mais diversificado conteúdo bibliográfico para apoiar as pesquisas e necessidades dos congressistas americanos. No entanto, devido a Guerra de 1812 (1812-1814) entre Estados Unidos e Reino Unido, o Capitólio – onde estava a pequena biblioteca – foi queimado e os livros destruídos. Um mês depois, o ex-presidente Thomas Jefferson decidiu doar sua biblioteca com os mais diversos assuntos e em vários idiomas, que havia levado cerca de 50 anos para acumular. Em 1815, o Congresso aceitou cerca de 6500 livros e esse pequeno montante inicial foi base para a maior biblioteca universalista dos tempos atuais, com mais de 130 milhões de títulos

em mais de 460 idiomas. A *Library of Congress* também possui mais de 58 milhões de manuscritos e a maior coleção de livros raros da América do Norte.⁸

Outra biblioteca que merece destaque é a coleção brasileira da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin que foi doada para a Universidade de São Paulo (USP), que o bibliófilo e empresário José Mindlin formou e colecionou por cerca de 80 anos, desde seus 13 anos. A coleção brasileira tem aproximadamente entre 17 e 18 mil títulos sobre a história e literatura brasileira. Mindlin (VILARINHO, 2006) diz que “doei para USP para garantir que a biblioteca continue viva e preservada e para que mais pessoas possam aceder a essas obras”. Overmier (1999, p. 517) complementa: “bibliófilos continuam a doar suas coleções para bibliotecas institucionais da mesma maneira que o anterior ‘homem educado’ e estudioso o fazia”

Segundo o site da Biblioteca Brasileira (2009):

Com seu expressivo conjunto de livros e manuscritos, a biblioteca Mindlin é considerada a mais importante coleção do gênero formada por um particular. São cerca de 17.000 títulos, ou 40.000 volumes: obras de literatura brasileira (e portuguesa), relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários, originais e provas tipográficas, periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia (estampas e álbuns ilustrados) e livros de artistas (gravuras).

⁸ Conforme site da Instituição: <http://www.loc.gov/about/history.html>

A USP não está só construindo um novo espaço para abrigar a coleção como também montou um projeto de digitalização das obras conhecida como Brasileira Digital.

Quanto ao projeto, o professor de História do Brasil, Istvan Yancsó (BIBLIOTECA, 2009), afirma:

O conceito dessa biblioteca é atender uma multiplicidade de destinações. É um serviço que a USP vai prestar à nação. Tudo que nós estamos fazendo é sempre em cima da idéia de que uma colaboração para montagem de alguma coisa que não vai ser a Brasileira Brasileira.

O projeto de digitalização da biblioteca de Mindlin não é único. Algumas organizações como a Google, que fez um acordo com livrarias, editoras e bibliotecas, disponibilizam livros esgotados e de difícil acesso a quem acessar a Google Livros⁹, bem como a *Library of Congress* junto com a Unesco, que desde 1995 planejaram a *World Digital Library*¹⁰ (em operação desde abril de 2009), que tem como missão disponibilizar documentos históricos e culturais de todo o mundo. Contrapondo a suposição de que a Internet acabaria com os livros impressos, esses projetos de digitalização ajudam ao mesmo tempo conservar e promover o acesso a obras raras, esgotadas ou inacessíveis, dessa forma valorizando a história do amor e cultivo pela leitura e pelo livro.

⁹ Conforme: <http://books.google.com/intl/pt-BR/googlebooks/agreement/#5>

¹⁰ Conforme: <http://www.wdl.org/pt/about/background.html>

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que os objetos, além de possuírem suas funções práticas, também podem ser colecionáveis. Sabemos também que os suportes da escrita se modificam com o tempo, adaptando-se a cada cultura, sofrendo revoluções e transformações radicais, como a Imprensa de Gutenberg e o computador e dispositivos móveis, que permitem a leitura de livros e textos eletrônicos. No entanto, “o vigor da bibliofilia, insensível à revolução eletrônica, prova que o livro permanece uma entidade viva, já que ele passa de mão em mão e é colecionável” (CHARTIER, 1999, p. 149). Ou seja, a bibliofilia continuará contribuindo para formação de coleções de bibliotecas, particulares ou institucionais, ajudando a conservar itens raros, despertando o interesse pelo colecionismo de livros, contribuindo para o enriquecimento cultural pessoal ou até de uma nação, já que muitos livros raros são tesouros nacionais. Enfim, a bibliofilia “é uma história paralela que continuará [...]” (IBID, 1999, p. 149).

7. REFERÊNCIAS

ANCIÃES, Alfredo Ramos. Quando objectos de colecção falam das (tele) comunicações. **Episteme**, Porto Alegre, n. 21, jan./jun. 2005. Suplemento especial. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero21/episteme21_artigo_anciaes.pdf. Acesso em: ago. 2009.

ANTUNES, Cristina. **Memórias de uma guardadora de livros**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004.

BARRIAS, Vicente Martinez. A modernidade do livro brasileiro: a Sociedade os Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de obras raras da UnB. In: **17º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS** – 19 a 23 de agosto de 2008 – Florianópolis. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/2008/artigos/074.pdf>. Acesso em: nov. 2009.

BASBANES, N. A. **A gentle madness: bibliophiles, bibliomanes, and the eternal passion for books**. New York: Henry Holt and Company, 1995.

BIBLIOTECA de José Mindlin poderá ser acessada pela Internet. Site da GLOBO.COM. Maio de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL1160623-16020,00-BIBLIOTECA+DE+JOSE+MINDLIN+PODERA+SER+ACESSADA+PELA+INTERNET.html>. Acesso em: nov. 2009.

BLASSELE, Bruno. In: WEDGEWORTH, Robert [editor]. **World Encyclopedia of Library and Information Services**. 3rd ed. American Library Association: Chicago, 1993.

BURY, Richard de. **Philobiblion**. Tradução de Marcello Rollemberg. Cotia, SP: Ateliê Editorial: 2004.

CASTRO, Kelly de. **Revista Scriptorium é lançada no jubileu de prata da Associação Brasileira de Bibliófilos**. Partido da República, 2009. Disponível em: http://www.partidodarepublica.org.br/pr22/Noticias_Republicanas_2009/noticias_2009_1082.html. Acesso em: out. 2009.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999. – (Prismas)

CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na Construção de uma Biblioteca Digital. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/285/252>. Acesso em: nov. 2009.

FUNÇÃO social da bibliofilia. Matéria sobre a Associação Brasileira de Bibliófilos. Site do Diário do Nordeste. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=481430>. Acesso em: nov. 2009.

DIAS, João José Alves. In: **Iniciação à Bibliofilia**. Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 2da Feira do Livro, Antigo, MCMXCIV), 1994. Disponível em: <http://bibliomanias.no.sapo.pt/bibliofilos.htm>. Acesso em: out. 2009.

DICKINSON, Donald. In: WIEGAND, Wayne A. **PRIVATE LIBRARY**. Encyclopedia of Library History. Garland Publishing, Inc: New York & London, 1994 – p.75-76

ENTRE LIVROS. **Raras edições, poucos leitores, uma confraria**. Sobre a Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Disponível em: http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/raras_edicoes_poucos_leitores_uma_confraria_imprimir.html. Acesso em: out. 2009.

GAUZ, Valéria. **Bibliofilia, essa paixão por manter o livro raro**. Set. 2007. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=318. Acesso em: nov. 2009.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jaqueline Torres. Por trás das coleções: uma experiência com acervos da história da saúde. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_marques_silveira.pdf. Acesso em: 09 out. 2008.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_marshall.pdf>. Acesso em: 09 out. 2008.

MERRIAN-WEBSTER Online Dictionary. **BIBLIOPHILE**. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/bibliophile>. Acesso em nov. 2009.

_____. **BIBLIOMANIA**. Disponível em: <http://www.m-w.com/dictionary/bibliomania>. Acesso em nov. 2009.

MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004.

_____. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: EDUSP, 1997

_____. Rubens Borba de Moraes: um Intelectual incomum. **Rev. bras. Est. Pedag.**, v. 79, n. 192, pag. 108-111, mai/ago. 1998.

MORAIS, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz. Ou, prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas**. Brasília: Briquet de Lemos, 1998.

_____. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo: IEB, 1969.

_____. **Bibliographia brasiliana**: a bibliographical essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works of brazilian authors published abroad before the independence of Brazil in 1822. Amsterdam; Rio de Janeiro: Colibris Editora Ltda, 1959. II Volumes.

MOREIRA, Carlos André. **Biblioteca de Porteira Fechada**. Sobre a Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/v4/CM_100anos/CM100AnosEdicaodaConfraria.htm. Acesso em: nov. 2009.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. In: **VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 2007, Salvador. Anais do VIII Enancib, 2007. - disponível em <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3-->

078.pdf. Acesso em: out. 2009.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. **As coleções como duração**: o colecionador coleciona o quê? Episteme, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_oliveira_siegmann_coelho.pdf>. Acesso em: 09 out. 2008.

OVERMIER, Judith. In: WIEGAND, Wayne A. **PRIVATE LIBRARIES**. Encyclopedia of Library History. Garland Publishing, Inc: New York & London, 1994.

PERRONE, M.P. **O Colecionador de Memórias**. Episteme, Porto Alegre, nº 22, p, 83-92, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_perro-ne_engelman.pdf. Acesso em jun. 2009

PERSON, David. In: FEATHER, J; STURY, P. **International Encyclopedia of Information and Library Science**. 2 ed. London; New York: Routledge, 1997.

PINHEIRO, Ana Virginia. **Livro raro**: antecedentes, propósitos e definições. Disponível em: <http://www.emporiodolivro.com.br/bibliodesign/bibliofilia/index.asp?idMateria=66>
Acesso em: out. 2009.

_____. **Que é livro raro?**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

RAABE, T. **Biblioholism**: the literary addiction. Golden: Fulcurm Publishing, 2001.

RIBEIRO, C.V. O Colecionismo e a sobrevivência do Homo Sapiens. **Episteme**, Porto Alegre, n.22, p. 69-78, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero22/episteme22_ribeiro.pdf. Acesso em jun. 2009

ROXBURGUE CLUB. Site da organização de bibliófilos mais antiga. Disponível em: <http://www.roxburgheclub.org.uk/>. Aceso em: Nov. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis**: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2002.

THOMPSON, Lawrence S. **Notes on Bibliobleptomania**. New York: The New York Library, 1944

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis; Associação Paulista de Bibliotecários, 1989. 95 p. (Coleção Palavra-chave, v. 1).

_____. **O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência**.

Disponível em:

<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/629/413>; Acesso em: 25 mar 2009

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, América do Norte, 22 5 03 2009. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1208/849>. Acesso em junho de 2009

VIANA, Mário G. IN: **Elementos de Biblioteconomia** -, Separata dos vols. LVIII e LIX da «Revista de Guimarães, Guimarães, 1949

VILARINHO, Fernando. **Acerca da recente doação da “Biblioteca Brasileira” de José Mindlin à Universidade de São Paulo**. Blog de Biblioteconomia. Junho de 2006. Disponível em: <http://biblio.crube.net/?p=1022>. Acesso em: Nov. 2009.

WIEGAND, Wayne A. **BIBLIOMANIA**. Encyclopedia of Library History. Garland Publishing, Inc: New York & London, 1994 – p.75-76

_____. **COLLECTION DEVELOPMENT**. Encyclopedia of Library History. Garland Publishing, Inc: New York & London, 1994 – p.153-164

_____. **PRIVATE LIBRARIES**. Encyclopedia of Library History. Garland Publishing, Inc: New York & London, 1994 – p.513 – 517